

## O Estado de S. Paulo

18/5/1989

### Interior

#### **Ainda pobre, Guariba condena a revolta**

*Cinco anos após os incidentes, a cidade vive crise, mas quer esquecer a violência*

GALENO AMORIM

GUARIBA — Cinco anos após a revolta dos bóias-frias, que provocou distúrbios sociais e uma onda de greves nos canaviais da região de Ribeirão Preto, tornando a cidade nacionalmente conhecida, Guariba continua a mesma. O desemprego e a falta de moradias atinge mil famílias. As favelas e os cortiços se multiplicam pela periferia. A prefeitura, em meio a escândalos, não tem dinheiro para mudar a paisagem urbana da cidade-dormitório e uma das mais pobres do norte de São Paulo.

As lideranças políticas e os empresários procuram apagar a imagem e violência e palco de uma suposta luta de classes no campo, associada ao município desde o levante de 15 de maio de 1984. Naquele dia, uma pessoa morreu, dezenas ficaram gravemente feridas e o centro de Guariba se transformou numa praça de guerra, com tiroteio e pancadaria entre cinco mil bóias-frias e soldados da PM. Saqueado e depredado por furiosa multidão, o Supermercado Santo Antônio Maria Claret foi reconstruído mas, até hoje, seu proprietário, Cláudio Amorim, presidente do diretório local do PMDB, não recebeu indenização do Estado.

O mesmo acontece com relação à Sabesp, um dos motivos da explosão, que teve sua sede e cinco veículos incendiados. Entre os feridos há antigos trabalhadores que ficaram inutilizados para o resto da vida e vivem, hoje, em situação de penúria. "Foi tudo muito rápido e horrível", recorda Amorim. A multidão estava incontrolável. Correu muito sangue. "Foi uma das coisas mais feias que vi na minha vida", concorda o ex-prefeito Evandro Vitorino (PMDB), processado por irregularidades administrativas e acusado de ter provocado incêndio criminoso na prefeitura para destruir eventuais provas.

Com residência em Matão, a 30 quilômetros de Guariba, desde duas semanas antes do fim do seu mandato, Vitorino foi acusado, na época, de incitar a população de 30 mil habitantes contra a Sabesp ao publicar anúncio em jornal que advertia sobre os altos preços cobrados pela taxa de água e esgoto. Em greve contra os baixos salários e mudança no sistema do corte da cana para sete ruas, trabalho exaustivo e sem compensação financeira, os bóias-frias se rebelaram contra o aumento de 900% nas contas de água e destruíram o prédio da Sabesp.

Cinco anos depois, os preços da estatal — entre NCz\$ 5,00 e NCz\$ 10,00 — continuam provocando protestos, mas o gerente local, Rodolfo de Oliveira Costa, não acredita na repetição de incidentes. "Tem mês que pago NCz\$ 12,00, às vezes são NCz\$ 15,00 e, em abril, foi NCz\$ 5,60", se queixa o cortador de cana Néelson de Souza, 32 anos, que mora no conjunto João-de-Barro, palco de tumultos nas greves seguintes e o mais pobre de Guariba — onde surgiu a primeira favela da cidade. "A água está mais cara. E o que aumentou no salário, após as greves, o custo de vida comeu", garante a dona-de-casa Gecira Pegas dos Santos.

**(Página 22)**